

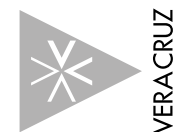
EXPOSIÇÃO-ATELIÊ 2024
G1 AO G4



MUNDOS POSSÍVEIS



EXPOSIÇÃO-ATELIÊ 2024
G1 AO G4



MUNDOS POSSÍVEIS

sumário

APRE- SENTA- ÇÃO

- 9 Introdução
- 11 Encontro entre culturas
- 15 Sentidos da aprendizagem:
um pouco do que aprendemos
- 18 O corpo é a fronteira
- 22 Caminhada Guia Negro
- 24 Casé Angatu
- 26 Nossas referências
- 28 A exposição

G1

- 37 Gestos infinitos
- 41 A dança, o gesto, o
encontro, o encanto
Um convite à expressão pela
ciranda de Lia de Itamaracá
- 47 Cirandar
- 53 Cirandando no G1
- 58 A exposição

G2

- 63 Quintal brincante
- 67 Do que as crianças
de outros lugares brincam?
- 73 *Tem muitas amarelinhas!*
Olympia
- 81 *Eu conheço todas as
brincadeiras do mundo.* Naomi
- 91 Com quem aprendemos
a brincar?
- 96 A exposição

G3

- 103 Narrativas fabulosas
- 107 Eu virei onça
- 113 Recontos do imaginário
- 119 *Iauaretê é uma onça.* Pedro A.
- 125 *Fazendo uma aldeia.* Max
Multiculturalismo e moradias
indígenas
- 130 A exposição

G4

- 137 Sonhar a floresta
- 141 Coexistências na natureza
- 147 Mandioca
Mãdi'og, mandi ó ou mani oca
- 153 Bichos que florestam
- 159 Re-floresta
- 164 A exposição

EDUCA- ÇÃO COR- PORAL

- 170 Danças dos Brasis
Multiculturalismo no
ciclo junino

APRE-
SENTA-
ÇÃO

Introdução

É possível conhecer outras formas de habitar nosso mundo? Como estranhar, se reconhecer, se aproximar e questionar as culturas silenciadas e apagadas na nossa história? Como potencializar o imaginário das crianças e criar mundos a partir do que conhecemos? Onde a ideia de encontro entre culturas e infâncias se encontra? De onde partimos para dar início e profundidade aos processos investigativos dos grupos da Educação Infantil?

Experiências comuns a toda a equipe de professores e professoras da EI foram ofertadas por meio de ateliês formativos em torno da ideia de encontro entre culturas, de que somos constituídos por muitos, por diferenças, encontros, conflitos e interconexões culturais. O que estranhamos em nós mesmos? Com o que nos identificamos? O que foi apagado para nós? O que desejamos tornar visível?

Povoamos as salas de aula e o imaginário das crianças com perguntas, experiências, estéticas diversas, materiais, linguagens que, juntos, promovem aprendizagens. As turmas das mesmas séries partiram de propósitos comuns e se deixaram levar para lugares diferentes. Construimos cultura cotidianamente com as crianças, que interpretam saberes, produções artísticas, rein-

ventam teorias, testam hipóteses, se relacionam com conhecimentos e expressam o que pensam e sentem.

Toda essa trajetória foi celebrada em um sábado de exposição-ateliê pautado em processos coletivos, porque é em grupo e com objetos comuns de pesquisa que quebramos estruturas que camuflam o encontro entre culturas. Oferecer os ateliês para as crianças e suas famílias nos levou a experiências não apenas racionalizadas e individuais. Amassar barro e reflorestar, construir narrativas com carimbos de grafismos, retomar brincadeiras de outros tempos e de outros territórios e deixar a música envolver o corpo foram maneiras de resgatar culturas ancestrais que fazem parte de nossas vidas.

Em 2024, celebramos os aprendizados de toda uma comunidade educativa envolvida em muitas investigações, reflexões, descobertas, perguntas e dilemas e nenhuma resposta fácil: esse é o lugar do estudo e conhecimento na Escola. Colocar-se em relação a perguntas desafiadoras e arriscar-se em processos de aprendizagens com pontos de partida, intencionalidades, planejamentos, mas que não têm caminho certo, nem respostas prontas. Nossos saberes são e sempre serão inacabados. No Vera, temos sempre uma bússola clara e partilhada (as intencionalidades curriculares), porém os caminhos são muitos, inéditos, inusitados, porque são traçados no decorrer do percurso de um grupo que encontra professores e estudantes curiosos, investigativos e inventivos.

Ao final do ano, reafirmamos o valor da formação de uma equipe de professores, que se revela e evidencia as maravilhas da construção conjunta. Uma equipe de professores comprometidos com as urgências de seu tempo, com seu fazer, com seus alunos, com um projeto político-pedagógico como norte. Quando isso se encontra com coletivos de crianças que têm liberdade para pensar, inventar, construir e aprender, tornamos visível a potência de uma comunidade que pensa e aprende junto. Uma comunidade que aprendeu e sonhou mundos possíveis!

Que muitas culturas possam continuar nos habitando, que tenhamos cada vez mais consciência de quem somos e por que somos, que as crianças acessem e revelem desde pequenas aquilo que foi silenciado e apagado em nós!

Nesta publicação, apresentamos processos de aprendizagens de crianças e adultos, experienciados no cotidiano do Vera.

Boa leitura!

Fabiana Meirelles

Coordenadora

Encontro entre culturas

Em 2024, vivemos com intensidade e alegria a exposição-ateliê “Sonhos possíveis”. Para o planejamento e o decurso das investigações, toda a equipe se pautou em um currículo recém-organizado da Educação Infantil, e um dos campos investigativos foi denominado multiculturalismo.

Como o processo de conhecimento é contínuo e nada linear, no aprofundamento da ideia de multiculturalismo, inclusive no encontro com professores especialistas da área de Ciências Humanas do Vera, deparamos com algumas questões, pesquisas e pressupostos que apontam para um paradoxo nesse conceito que mereceu nossa atenção.

Multiculturalismo carrega em si uma ideia fragmentada de culturas desconectadas entre si, criando estereótipos que, na prática cotidiana da Escola, costumamos evitar. Essa ideia também evidencia a complexidade das lógicas de poder em torno das relações inter-raciais em nossa sociedade.

No início de 2025, com o estudo aprofundado desse conceito, retiramos a ideia de multiculturalismo do currículo da EI e o substituímos por encontro entre culturas, ao encontro de nosso projeto, valores e princípios.

Embora esse rigor conceitual tenha bastante relevância no projeto da EI — o que justifica todo esse processo de estudo e revisão do currículo —, vale dizer que, nas experiências com as crianças, o que pautou os professores foi, de fato, a ideia de encontro entre culturas, sem os paradoxos envolvidos no antigo conceito, desalinhados com o projeto do Vera. Nosso descaminho, em 2024, estava mais atrelado à conceitualização de multiculturalismo do que aos valores e princípios que pautam os projetos da Escola. Isso nos assegura valor e sentido em relação às experiências e aprendizagens construídas em 2024 pelas crianças e por toda a equipe da EI.

A organização do presente material e este texto têm como intenção valorizar processos de aprendizagens de adultos e crianças e a relevância do estudo, do aprofundamento e atualização concei-

tual contínuos na aprendizagem. Conhecimento se transforma, tem mobilidade, é vivo.

Temos certeza de que ainda faremos muitas outras investigações acerca do o encontro entre culturas.

Meus agradecimentos a todos os envolvidos nessa construção enriquecedora. E peço aos leitores que, no conteúdo a seguir, considerem o conceito de **encontro entre culturas**, no lugar de multiculturalismo, sem prejuízo das intencionalidades.

Fabiana Meirelles, maio de 2025



Sentidos da aprendizagem: um pouco do que aprendemos

Atualmente, vivemos processos de transformações sociais que tem nos mobilizado a repensar as referências que amparam nossas práticas pedagógicas.

Pensar a questão multicultural com as crianças exige do educador um processo de formação contínuo, muitas vezes cheio de dúvidas, mas movido pela reflexão e pelo desejo de se arriscar e se provocar.

Como educadores, nós nos colocamos num jogo de aprendizagens coletivas, em diversas camadas formativas. Estudamos jun-

tos, visitamos inúmeras exposições, vivenciamos ateliês, dialogamos com estudiosos. Muitas vezes, o desconforto agiu como um mobilizador para a entrega e para a curiosidade, num desejo de aprofundamento.

Dentre as diversas camadas formativas, os ateliês foram campos ativadores dos sentidos, abrindo possibilidades de nos relacionarmos com o assunto por outros caminhos: poéticos, lúdicos, sensoriais e metafóricos.

Ayrson Heráclito, artista baiano que transita pelas linguagens visuais e lida com a questão do corpo afrodiaspórico, nos inspirou a trazer o corpo para o centro do ateliê, na relação com as comidas, os cheiros, as formas, as texturas. Na relação com a cultura, o corpo sempre se modifica e modifica seu entorno — “o corpo é a fronteira”.

Quais culturas nos alimentam? O que nos nutre? Do que somos feitos? Quais escolhas fazemos? Como acolher os estranhamentos sentidos? Essas foram algumas das perguntas norteadoras dos ateliês, as quais nutriram um corpo poroso para o trabalho com as crianças.

Como sensibilizar as crianças para essas questões e para outras visões de mundo e culturas diversas? Como apresentar estéticas e éticas diversas, perceber e compreender tantas culturas e modos de vida?

A experiência de afroturismo com o Guia Negro também gerou aprendizagens importantes para toda a equipe e um novo olhar para a cidade em que vivemos. No encontro com Casé Angatu, indígena de Olivença (Ilhéus, BA), um novo ponto de vista foi compreendido em relação à história de São Paulo e à presença indígena no cotidiano da cidade.

Adultos foram, portanto, convidados a experiências que acionassem a percepção do mundo pelos sentidos e pelas linguagens, como as crianças.

Na EI, as crianças aprendem por diversas linguagens. Percebem e conhecem o mundo pelos sentidos, pelo toque do outro, no gesto da dança, na vibração da música, no cheiro do barro, nas imagens que estampam o imaginário, na brincadeira simbólica que veste animais, que cozinha com terra, e, assim, no impalpável da subjetividade, recria mundos possíveis.

O corpo é a fronteira





Caminhada Guia Negro



Casé Angatu



Nossas referências

O Sol e a flor

O vídeo associa diferentes visões sobre a relação do Sol com a vida na Terra. A partir de trechos do livro *Biosfera*, de Vladimir Vernadsky, Ailton Krenak narra sobre a profunda interação dos raios cósmicos com a matéria verde, que transforma a Terra em um supraorganismo vivo. Uma visão da vida onde tudo está absolutamente relacionado.



Lia de Itamaracá

Maria Madalena Correia do Nascimento, conhecida como Lia de Itamaracá, é dançarina, compositora e cantora de ciranda brasileira. É considerada a mais célebre cirandeira do Brasil.



Kaká Werá Jecupé

Descendente do povo Tapuia e acolhido pela comunidade Guarani, é escritor, ambientalista e tradutor. Atua na valorização, no registro e na difusão dos saberes ancestrais de povos indígenas. É autor do livro *As fabulosas fábulas de Iauaretê*, dentre outros.



Wappa

O documentário propõe um mergulho inédito na infância Yudja (Parque Indígena do Xingu, MT) e os cuidados que acompanham seu crescimento. O brincar, a vida comunitária e as influências de uma relação espiritual com a natureza são revelados como elementos que organizam o corpo-alma dessas crianças.

“Território do brincar”: casinhas e guisadinhos

Crianças do Vale do Jequitinhonha criam e recriam no seu imaginário a intimidade e a beleza da brincadeira de casinha. Buscar o terreno, limpar, construir, enfeitar com flores e arrumar a casa. Depois, é só acender o fogo, cozinhar e provar! Qualquer semelhança com a brincadeira da sua casa, não é mera coincidência, é o brincar que se manifesta universal.

Dona Cadu

Ricardina Pereira da Silva, mais conhecida como Dona Cadu, foi uma ceramista centenária, sambadeira, rezadeira e líder comunitária baiana de origem afro-indígena.

A exposição

Vídeo “Exposição-ateliê
‘Mundos Possíveis’”



veracruz.ink/4eJNHmk

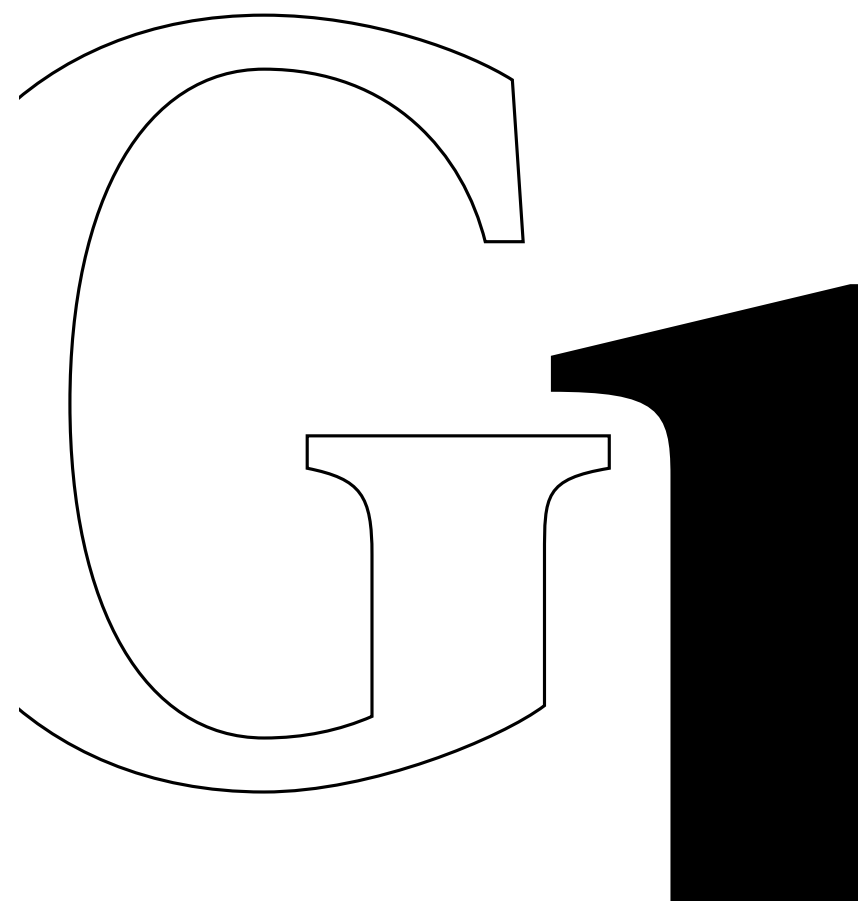






—

—





Vídeo “Lia”


veracruz.ink/459mR2X

Gestos infinitos

Este ano, o Grupo 1 escolheu a ciranda como foco de investigação. Apresentamos essa manifestação cultural brasileira e investigamos a criação de gestos e danças a partir dela. Na relação com uma cultura já existente, a criança também é criadora de cultura.

A ciranda é uma manifestação popular dançada em roda, com rítmica marcada e contagiante. Como dança, é muito tradicional no Nordeste, principalmente na Ilha de Itamaracá, em Pernambuco, onde se diz que foi inspirada nos movimentos do mar.

As turmas do G1 conheceram Lia de Itamaracá. Sua imagem e suas vestimentas exuberantes e coloridas atraíram o interesse das crianças, que, curiosas, aos poucos, se mostraram íntimas de Lia.

É a Lia, ela usa pulseiras. Santiago

Suas cirandas são celebrações que convidam a dançar junto. A música, acompanhada de percussão e sopros, convoca as crianças a se expressarem por gestos, criando composições que transitam entre o autêntico de cada uma e a busca pelo outro, pelo coletivo.

Os sentidos que as crianças criam na relação com as cirandas são muitos: imitam a dança já instituída, imitam gestos umas das outras, inventam gestos a partir da sua relação com a música, se convidam a estar em roda. O gesto vira criação e convite, torna-se infinito.





PROFESSORAS
Ana Paula Carrascosa
Beatriz Ricca

AUXILIAR DE GRUPO
Larissa Neves

ATELIERISTA
Danielle Silva

ORIENTADORA
Luciana Cabral

A dança, o gesto, o encontro, o encanto

*Um convite à expressão pela
ciranda de Lia de Itamaracá*

Lia de Itamaracá mobilizou o nosso grupo a viver diariamente um encontro com a cultura da ciranda do Nordeste.

Um percurso investigativo carregado de movimento e multiculturalismo.

Por meio das cirandas, olhamos para os gestos e os encontros que a dança provocou no grupo, acompanhamos as manifestações expressivas das crianças na relação com esse movimento cultural.

Lia é adulto que gosta de ciranda! Olivia

Lia é uma cirandeira que carrega muitos elementos culturais, desde suas vestimentas e acessórios até os gestos de sua ciranda, que trazem a presença estética e poética que se relaciona ao mar de sua querida Ilha de Itamaracá.

“A onda da Lia!”, diz Santiago ao se atentar ao som do mar enquanto dança a música “Ciranda de Lia”.



O gesto de Santiago foi um convite a Luca, que, ao fazer “sua onda”, criou um novo gesto ao se lançar a “nadar” no chão enquanto nomeava o seu movimento: “A onda, no mar da Lia”.

Dia a dia, embalados pelas cirandas, observamos o nascimento dos gestos. Uma criação singular que logo passou a pertencer à turma, a partir da observação e do interesse pelo movimento do outro.

Quando, por exemplo, Martina estende as mãos para formar uma roda, Eva saltita ritmada ao som dos tambores, Pedro bate palmas e Olivia se posiciona diante dos amigos fazendo poses — um convite a socializar os gestos e repetir o movimento.

Um convite a dançar e olhar para o outro provocado pela musicalidade de Lia, como também pelas imagens registradas em nosso mural da sala. Expressões da dança que envolvem um jogo ritmado.

E foi assim que a ciranda dada por Lia passou a ser reinventada a partir dos gestos dados pelas cirandas de Antonio, Eva, Laura, Luca, Martina, Olívia, Pedro, Santiago, Sara, Tom e Nara.

Nascem os gestos, nascem novas maneiras de criar e brincar a ciranda com Lia de Itamaracá.





Cirandar

Dançar é um movimento procurado pelas crianças para expressar sua relação com as canções. Desde o 1º semestre, nossa intenção foi mostrar às crianças diferentes ritmos brasileiros, explorar a relação música e corpo, estar e dançar juntos e se reconhecer como parte desse grupo.

Neste semestre, a ciranda foi o foco de nossa investigação. Aprendemos a estar em roda, a cirandar, algo que exige movimentos muito elaborados para crianças do G1.

É bonito acompanhar o processo das crianças, tão pequenas, procurando dançar junto.

PROFESSORAS
Nathália Puccinelli
Victória Cordeiro

AUXILIAR DE GRUPO
Larissa Neves

ATELIERISTA
Daniela Dini

ORIENTADORA
Luciana Cabral



Convidamos o grupo a conhecer **Lia de Itamaracá**, essa artista que é a mais célebre cirandeira do Brasil.

É a Lia da Ciranda. Raul

Lia passou a ocupar nosso espaço com sua imagem no mural, nos bloquinhos e também nas portas de nossa sala, e as crianças passaram a reconhecê-la como parte das nossas vivências e danças.

E com suas músicas e sua presença, dançamos.

Dança: expressão de gestos,
expressão do corpo

Quais gestos surgem na relação com as cirandas?

As crianças, aos poucos, **criaram** maneiras de se expressar e acompanhar as músicas juntas: batiam palmas que marcavam o ritmo e giravam pelo espaço... As mãos se procuram e convocam a presença do outro para dançar junto.



“Mão”; “Mão”, as crianças repetem ao buscarem as mãos dos colegas para cirandar.

A geometria da roda convida a **estar juntos**.

Rodopiamos, batemos palmas, mexemos o corpo, batemos os pés e cirandamos **JUNTOS!**





PROFESSORAS
Thaisy Lomenso
Cristiane Santos

AUXILIAR DE GRUPO
Laíse Vieira

ATELIERISTA
Danielle Silva

ORIENTADORA
Luciana Cabral

Cirandando no G1

Nossa escolha foi trazer às crianças a história de Lia de Itamaracá, uma grande referência cultural em danças de ciranda. A intenção é que as crianças se aproximem da vida de Lia, sua música e sua dança.

Iniciamos com algumas imagens e vídeos de Lia e contamos que ela dança e canta cirandas: **uma grande brincadeira de roda**.

“Eu gosto dela”, disse Eva depois de um tempo assistindo ao vídeo. Por que você gosta dela? “Porque ela tem um vestido rosa”. Sua frase nos revela o que mais lhe chama atenção nesse momento. Eva gosta muito dessa cor e gosta muito de vestidos, se identificando, assim, com a roupa que Lia usa.



Depois de viver esse contexto por alguns dias, as crianças começaram a se procurar para dançar.

Logo que colocamos a música, Lila demonstrou o desejo de dar as mãos para nós, um gesto que nos convidou a dançar com ela.

Nesse dia, Lila procurou por Benjamin chamando-o para a dança.

A ação de Lila também foi um convite para as outras crianças entrarem na roda: **nasce, então, a nossa ciranda!**

Após dançarmos bastante a música de Lia, sentamos para conversar e trocar sobre essa experiência: “A gente dançou com a música da Lia...”, disse Thata, “**De girar**”, Kaleo começou a relatar.

“Eu tava dançando com a Gabi. Eu dancei com duas mãos”, lembrou Eva.

Lila logo se levantou e deu alguns giros. Seu gesto nos contou sobre o desejo de compartilhar com os seus amigos a sua dança.

Alê complementou “**Eu rodei...**”, e se levantou para fazer seus gestos no meio da roda e nos mostrar como dançou.



Coleção de gestos dançantes

Na relação com a música, as crianças inventaram diferentes maneiras de dançar. Além de dar as mãos e arrastar os pés, característicos de uma dança de ciranda, novos gestos e movimentos surgiram. A subjetividade apresentou-se na expressão das crianças ao vivenciarem uma experiência de dança em um contexto coletivo.



Enquanto Benjamin e Lila continuaram na parceria de uma roda.

Sara, Ale, Kaleo, Antonio e Eva descobriram no plano baixo a possibilidade de tantos outros gestos ao deitarem no chão.

Giovanni procurou o espelho, balançou seus pés e seus braços com uma grande euforia ao ouvir a música.

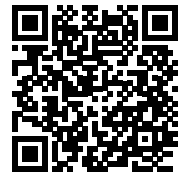
Ao ouvir a música, Juju procurou uma de nós para dar as mãos. Alguns pulinhos acompanhados de boas risadas deram início a sua dança. Procurou por Cris, em uma troca de olhares e sorrisos, e compartilharam juntas essa experiência.

Existe tempo para dançar.
Mãos com mãos e uma grande roda se formou.
Existe tempo para que a criança descubra sua dança.
Ciranda é arte, é cultura, é o tempo espiralado.



A exposição

Vídeo “Exposição G1”



veracruz.ink/3lsYju4



—

—

—

G2



Vídeo "Brincadeiras culturais"



veracruz.ink/4lQNxMI

Vídeo "Brincadeiras G2"



veracruz.ink/3lt4yOw

Quintal brincante

Eu conheço todas as brincadeiras do mundo. Naomi

A brincadeira é uma linguagem universal para as crianças, elas se conectam e se reconhecem em quaisquer brincadeiras do mundo. Apresentar diferentes culturas brincantes para o G2 foi uma maneira de vivermos os encantamentos, estranhamentos e as perguntas das crianças.

Brincar é a forma com que elas se relacionam com o mundo. Ao brincarem, elas vivem sua imaginação, divertem-se, investigam, aprendem e inventam sentidos para a realidade. Nessa ação, também expressam os significados que constroem individual e coletivamente sobre nossas culturas, desenvolvendo um senso de identidade e pertencimento a elas.

O brincar na infância é uma expressão da cultura que reflete tradições, valores e histórias. Quando as crianças brincam, elas não apenas conhecem aspectos das culturas, como também reinterpretam e reinventam o que lhes parece novo e o que lhes é conhecido, criando formas de expressão.

Este ano, ao investigarmos no G2 as brincadeiras culturais, pudemos nos aproximar de algumas brincadeiras indígenas, africanas e de diferentes regiões do Brasil. As brincadeiras foram uma porta de entrada para conhecermos e aprendermos outras maneiras de estar no mundo, outras culturas.

Como as crianças brincam? Onde brincam? Com quem brincam? Quem ensinou essa brincadeira? Que língua é essa? A gente brinca igual? Quais são as nossas brincadeiras?

Essas foram algumas perguntas que nortearam os quatro trabalhos desenvolvidos pelo G2. E, assim, conhecemos não só brincadeiras de outras culturas, mas também alguns costumes, línguas e hábitos, que comparamos com os nossos.

Esse percurso proporcionou perguntas e afetos às crianças, que puderam aprender com outras culturas reconhecendo-se e diferenciando-se.

Convidamos vocês a brincarem no nosso quintal.





PROFESSORAS
Anielle Maruchi
Keyla Soares

AUXILIAR DE GRUPO
Valdenice Pereira

ATELIERISTA
Danielle Silva

ORIENTADORA
Luciana Cabral

Do que as crianças de outros lugares brincam?

Essa pergunta tem guiado a nossa investigação sobre as brincadeiras africanas.

Em uma roda de conversa, nosso grupo afirmou que crianças de outros lugares não brincam.

Victoria: *Acho que outras crianças não brincam, só a gente que mora em São Paulo.*

Professora: *A Cecília sempre viaja para a Bahia, será que as crianças que moram lá não brincam?*

Cecília: *Não sei, nunca perguntei.*

Convidamos o grupo a conhecer diferentes brincadeiras de outros lugares.

Durante a investigação, conhecemos o livro *As brincadeiras africanas de Weza*, de Sheila Perina e o coletivo Luderê, e nos relacionamos com diferentes brincadeiras.

As crianças levantaram suas hipóteses, compartilharam seus pensamentos sobre as regras e fizeram relação com as brincadeiras já conhecidas:



TERRA

Terra e mar

Marina: *Eu acho que eles estão brincando de amarelinha.*

Professora: *Mamá, por que você acha isso?*

Marina: *Ah, porque tem um desenho no chão.*



Meu querido bebê

Isabela: *A gente brinca de bebê aqui na escola.*

Professora: *Ah, é verdade, Bela, mas essa brincadeira não tem boneca, como será que eles brincam?*

Marina: *Eu acho que uma dessas crianças deve imitar de ser o bebê.*



O diálogo entre as brincadeiras nas diferentes culturas

Ao assistirem aos vídeos das crianças de Moçambique brincando, nosso grupo pôde se aproximar de aspectos da cultura africana: idioma, ambiente e vestimenta.

Cecília: *Elas também pulam corda.*

Isabela: *Jogam futebol igual o meu irmão.*

Luca: *Eles brincam num chão de terra.*

Chico: *A roupa deles é colorida.*



Marina: *O que elas estão falando?*

A fala de Marina refere-se às meninas do vídeo que estão pulando corda cantando uma canção em outro idioma. Sua percepção convoca o grupo a saber mais sobre a língua de Moçambique, aspectos da cultura, o que nos diferencia e o que nos aproxima.

Luca: *Eu sei pular corda igual elas e encostar a mão no chão, a música é assim: “Um homem bateu em minha porta...”*

Victoria: *Será que elas estão cantando essa música pulando corda?*

A nossa pesquisa não se encerra aqui, ela continua pelas brincadeiras africanas, imagens, conversas e relações que as crianças estabelecem com suas experiências na aproximação e diálogo com outras culturas.



PROFESSORAS
Juliana Guimarães
Joelma da Fonseca

AUXILIAR DE GRUPO
Aldenise Rocha

ATELIERISTA
Danielle Silva

ORIENTADORA
Luciana Cabral

Tem muitas amarelinhas!

Olympia

“Muita coisa que eu aprendi, aprendi brincando...”

Zinho Trindade

A amarelinha, brincadeira tão viva da cultura popular, que habita a memória de todos nós e resiste através dos tempos, fez morada em nossas manhãs.

“Vocês sabem brincar de amarelinha?” Foi assim que convidamos à brincadeira, construindo repertório numa relação, a partir da memória, afeto e ampliação cultural.



A gente risca os quadrados no chão e brinca pulando dentro com um pé e com dois pés. João

A permanência do brincar em nosso cotidiano foi proporcionando às crianças intimidade. Corpos ganharam agilidade, pularam, se equilibraram, buscando se encaixar dentro das formas que os faziam pular pelo percurso. A gestualidade da amarelinha carrega memória e cultura.

A vovó pulava macaquinha na Bahia com casca de banana. A vovó escorregava e caía no chão de bunda. Tem que ter cuidado para não bater a cabeça na pedra. Felipe

Eu não vi uma amarelinha no Rio de Janeiro, só aqui em São Paulo. Marina

As famílias também foram convidadas a participarem de parte dessa investigação, e, a partir do retorno das pesquisas, que foram socializadas pelas crianças em roda, fomos apresentados a novos desenhos, jeitos de brincar e nomes que a amarelinha recebe nas diferentes regiões do Brasil e do mundo: macaquinha (Bahia), academia (Ceará), hopscotch (Inglaterra), rayela (Espanha), neca (Moçambique), teca-teca (Moçambique) e amarelinha (Aldeia Guarani Tekoha Marangatu - Paraná).

A minha vovó Tetê é de Fortaleza e ela também pulava amarelinha, mas era pular macaca e pular academia. Arthur

A gente pulou a amarelinha com casca de banana. É uma amarelinha macaquinha. Naomi

Será que todas as pessoas conhecem esta brincadeira? Como as crianças em diferentes lugares do mundo brincam de amarelinha?

Essas foram algumas perguntas que nortearam nossa pesquisa ao longo do tempo, e, por meio delas, aprofundamos nossos olhares para a cultura da infância no mundo.

“Eu acho que os indígenas misturam e usam o urucum para desenhar amarelinha. Porque o urucum é para fazer tinta e eles

podem pintar uma amarelinha com a cor do urucum.” Teresa compartilha uma hipótese a partir do que conhece. Tetê relaciona suas descobertas sobre a produção de pigmentos ao conhecimento indígena e supõe que todos os indígenas podem fazer uso do pigmento, proveniente de elementos da natureza, para desenhar uma amarelinha.

Por meio de recurso audiovisual, nos relacionamos com crianças da Aldeia Guarani Tekoha Marangatu, no Paraná, que também brincavam de amarelinha na escola. E, ali, observando outras crianças brincando, nosso G2 compartilhou muitos questionamentos e curiosidades:

Bel: *As crianças Guaranis falam inglês?*

Teresa: *Onde elas estudam? Elas falam com outro em Guarani?*

Martín: *As crianças Guaranis falam em “tchutchuê”? Por que elas contam em tchutchuê? As crianças Guaranis estão falando de amarelinha. Elas jogam pedrinha igual à gente.*

Nina: *As crianças Guaranis falam em francês, não dá para entender o que elas falam, mas a amarelinha delas é igual à nossa.*

Francisco: *A amarelinha indígena é igual à nossa, mas eu não entendi nada que elas falaram.*

Ao expressarem suas percepções, as crianças evidenciaram um único aspecto que as diferencia das crianças Guarani, a língua. E buscamos pelo que nos assemelham, o brincar.



Conhecemos também amarelinhas africanas de Moçambique, como a neca e a teca-teca. Nesse caso, a língua nos conecta, pois falamos português, mas o modo de brincar se diferencia um pouco.

Flora: *Tem amarelinha redonda e pula igual ao saci. A neca é igual à nossa amarelinha.*

Pedro Ferronato: *Por que a teca-teca tem música?*

Eu aprendi a brincar de amarelinhas. Olympia

Lá em Juquehy, não tem amarelinha porque não tem giz. Na areia de Juquehy, não dá para desenhar porque tem muita areia. Eu tentei fazer, mas o mar tirou todo o desenho. Pedro Zemel

Na neca, as crianças brincam na areia, passa caminhão e ônibus. Na areia, o desenho apaga. Eu quero fazer uma amarelinha na rua, eu acho que dá para fazer, mas dá muito trabalho fazer uma amarelinha. Daniel

O chão é diferente nos lugares. Tem chão de areia, chão de pedra e chão de desenhar. Luca

Ao se relacionarem com o mural da sala e a diversidade de amarelinhas que conhecemos ao longo do semestre, as crianças nos mostraram que a regionalidade e a diversidade do brincar também podem ser percebidas pelo chão que habita esse brincar.





PROFESSORES
Mariah Pissarra
Cristiane Santos

AUXILIAR DE GRUPO
Aldenise Rocha

ATELIERISTA
Danielle Silva

ORIENTADORA
Luciana Cabral

Eu conheço todas as brincadeiras do mundo.

Naomi

Ao contarmos ao grupo que conheceríamos a brincadeira da mandioca, Naomi rapidamente cria um jeito de brincar associado ao nome da brincadeira, revelando, assim, um sentimento de pertencimento à cultura da infância.

Você pega a mandioca assim no chão e joga. Aí, ela vai mais longe.

Naná

Ao observar sua criação, outras crianças passam a contribuir para a composição da ideia:

A mandioca pode ser a bola. Mia

Aí, corre e tem que pegar. Helena

Apresentamos a brincadeira da mandioca dos povos Guarani e convidamos as crianças a encontrarem um lugar para brincar na nossa escola.

Os povos Guarani brincam daquela brincadeira que puxa! Chiara



Aqui pode segurar! Sebastião

Tem que segurar atrás da outra menina. Senta e escorrega [puxa]. Victoria

É... depois tem que tirar a mandioca com força. Lulu

Durante a nossa investigação, conhecemos um pé de mandioca e aprendemos sobre sua importância na alimentação e na colheita indígena. Ao conhecerem o sentido que a mandioca tem para os

povos indígenas, as crianças reinventaram modos de brincar de mandioca. Estabeleceram uma nova relação entre a brincadeira da tradição Guarani e a criação de brincadeiras dadas na infância.

Eu sei brincar de um outro jeito. Manuela

Tem que correr e sentar com o bumbum no chão e virar mandioca e tem que puxar para virar criança de novo. Manu

Tem que gritar assim: “Mandioca cabelo de minhoca!”. E sair correndo e sentar. Eu puxo. Quem grita puxa a mandioca, e ela vira criança. Sebastião

A mandioca tem que ficar presa na terra. Manu

Pesquisamos outra cultura indígena, a dos povos Kalapalo, e brincamos de Toloí Ungutu. Conversamos em roda com as crianças sobre o nome dessa brincadeira, que é falada na língua dos povos Kalapalo.

Essa brincadeira eu não sei como é! Chico

Eles falam português? Mia

Eles falam a nossa língua? Manuela

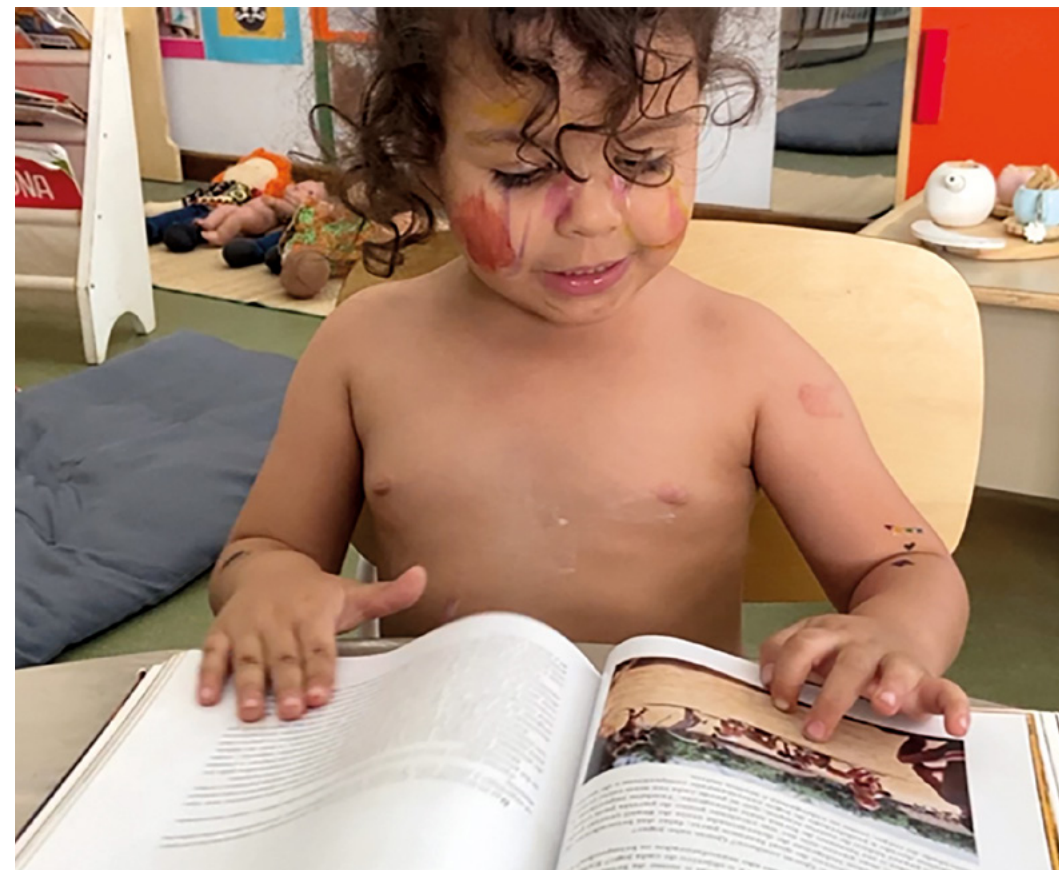


Como é essa brincadeira?

As crianças viram passarinho. Só pode sair do ninho quando o gavião cantar. Caetano

E os passarinhos têm que fugir. Chiara

Quem não voar rápido, o gavião pega. E quem ele não pegar, vira gavião. Chico



O contato com as brincadeiras dos povos Guarani e Kalapalo despertou a curiosidade sobre essas culturas. O idioma e os costumes foram as observações feitas e compartilhadas pelo grupo que, ao relacionar suas vivências com as tradições indígenas, ampliou seu conhecimento a respeito dessa cultura.

Eu tenho uma tartaruga, mas a minha é de pelúcia. Os indígenas têm de verdade. Eu já dei comida de verdade para uma tartaruga. Chiara

Eu também durmo na rede, na minha casa. **Victoria**

Eles usam camiseta de futebol de jogador. **Chico**

É igual à minha. **Sebastião**

Eu vou pintar um gavião no Raj, igual os indígenas. **Caetano**

Eu vou virar um gavião flash. **Raj**





PROFESSORAS
Patrícia Martins
Tatiana Bittencourt

AUXILIAR DE GRUPO
Valdenice Pereira

ATELIERISTA
Danielle Silva

ORIENTADORA
Luciana Cabral

Com quem aprendemos a brincar?

Benjamin: *Eu brinquei uma brincadeira com a minha vovó na minha casa, de noite.*

Cecília: *E eu da brincadeira de macaco, que minha mãe ensinou!*

As falas de Benjamin e Cecília, provocadas pela pergunta acima, revelam como as brincadeiras expressam não somente as marcas de cada família, mas também de cada cultura, assim como os costumes, a língua, a culinária e outros hábitos transmitidos de geração a geração.

Nessa relação, apresentamos para o grupo uma brincadeira indígena com a intenção aproximar as crianças de outras culturas.

Assistimos a um vídeo em que as crianças Guarani da aldeia Lebre brincavam de “A onça e a galinha” na escola e convidamos o grupo a brincar também.

Escolhemos a brincadeira “A onça e a galinha” pela possibilidade de as crianças trazerem a força do animal para o corpo, algo comum na cultura da infância, que propiciou encantamento e uma conexão imediata ao grupo.



Nessa brincadeira de pega-pega, muitas crianças queriam ser a galinha, já que estariam protegidas da onça e não seriam pegas. Foi preciso muitas conversas sobre o funcionamento da brincadeira para entenderem que ora seriam pegas, ora seriam pegadoras.

Então, nessas conversas sobre as regras, uma problemática surgiu:

Professoras: *E se tiver só galinha e não tiver nenhum pintinho?*

Maria Luiza: *A onça não vai comer ninguém! A onça vai ficar com fome!*

Luiza: *A brincadeira acaba!*

As crianças passaram a significar o fluxo da brincadeira.

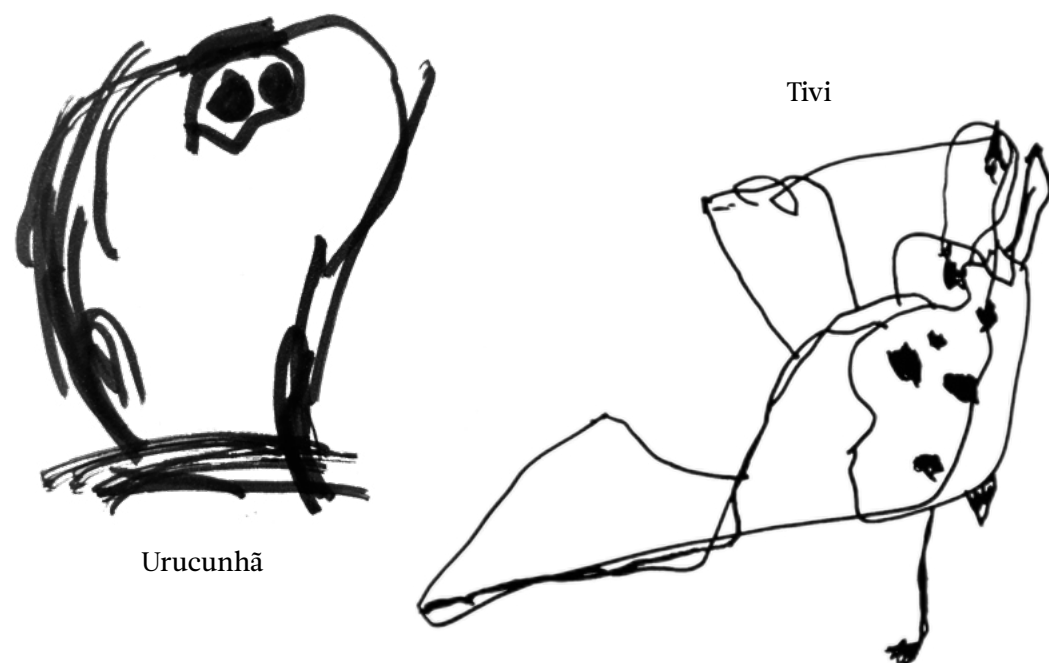
Enquanto a criança no vídeo contava sobre a brincadeira em Guarani, Cecília e Luísa chamaram atenção para o que ouviam, mas não compreendiam:

Cecília: *Eu não tô entendendo nada!*

Luísa: *Eu também não tô entendendo nada!*

Benjamin: *Por que ela tá falando inglês?*

Surgiu, aqui, uma pergunta, um afeto que ecoou entre todos e que disparou a conexão com a outra cultura — **a diferença da língua falada**. “Que língua é essa?”; “Será que ela está falando ‘A onça e a galinha’?”.



Urucunhã

Tivi

Assim, convidamos Daniela Morita, professora do G4, conhecedora da cultura Guarani, para nos ajudar com essa questão.

As palavras indígenas, assim como a brincadeira “A onça e a galinha”, passaram a fazer parte do cotidiano das crianças, expressas por meio de diferentes linguagens.

Eu quero o livro da tivi! Cecília

Eu escrevi as regras da brincadeira Guarani. Antonia

Essa é a minha tivi! João

Eu fiz o “arranho” da onça. André

A partir da fala de João, fizemos um convite às crianças: “**Como é a sua tivi?**”. Assim, transformaram-se em onça e prepararam-se para a brincadeira.

A brincadeira “A onça e a galinha” proporcionou perguntas e afetos às crianças, que puderam aprender com outra cultura reconhecendo-se e diferenciando-se.



A exposição





—

G3

—

—

—



Narrativas fabulosas

“As crianças trazem mais sabedoria que os adultos
e faz-se um esforço para que elas não percam a
memória com os mundos imateriais.”

Kaká Werá Jecupé

A literatura possibilita a leitura de mundos possíveis, imagináveis, inimagináveis. A literatura tem o poder de sugerir, surpreender e projetar na esfera do imaginário um mundo que se constrói no trânsito entre ficção e realidade. Abre espaço para os afetos, propondo novos olhares e pontos de vista, somados às incertezas e constantes interrogações que ela convoca.

A criança se atualiza ao viver a experiência viva numa história.

No G3, apresentamos às crianças alguns livros de histórias indígenas, dentre eles *As fabulosas fábulas de Iauaretê*, de Kaká Werá Jecupé, autor de origem Tapuia e acolhido pelo povo Guaraní. Esse livro contém vários contos com animais do universo indígena (onça, anta, tatu, boto, pirarucu, jabuti etc.) e maneiras de habitar que revelam uma perspectiva sobre o mundo. “Todos nós temos uma onça raivosa e uma onça pacífica no coração. Vamos ser sempre aquela a que o nosso pensamento oferecer alimento” (trecho do livro, p. 56).

As crianças expressaram suas ideias e conhecimentos nas linguagens do desenho, pintura, argila, pintura corporal e digital, e expressão corporal.

Apresentar essas narrativas para as crianças e aprofundá-las possibilitou abordar e problematizar as pluralidades, com base no respeito à diversidade, estabelecendo conexões com as experiências de vida delas.

Algumas perguntas que nortearam as investigações:

Que curiosidades surgem?

Que encantamentos?

Que estranhamentos?

No que se identificam?





Eu virei onça

Desde o início do ano, a literatura esteve presente no nosso grupo por diversos títulos que retratavam a personagem **onça** na perspectiva dos povos indígenas.

Com tecidos estampados, pintura corporal e projeções de imagens, as crianças vivenciaram experiências de transformação ao “vestirem” as qualidades tanto da onça quanto de outros animais presentes nas histórias. Criaram figuras e formas, experimentando a maleabilidade, cor e textura desses materiais.

Gestos, sons e danças tornaram-se uma narrativa constante, ampliando a invenção de novas possibilidades de ser.

PROFESSORAS
Andrea Jota
Ana Paula Paz

AUXILIAR DE GRUPO
Simone Nunes

ATELIERISTA
Luz Marina Espindola

ORIENTADORA
Lícia Breim

Estou mudando de pele. Nuno

Eu virei uma cobra que tem veneno, a pele da cobra era toda colorida. Ela morava na floresta. Cora

Por fora, eu sou uma arara e, por dentro, eu sou uma onça! Benjamin

Eu sou uma “onpa”: uma onça passarinho. Uma perna de pássaro e a outra de onça. Catarina



Nesse diálogo de corpos, a experiência de uma criança suscitou uma experiência na outra, e isso foi se transformando em expressão coletiva.

A partir da curiosidade das crianças pelos animais das histórias, como o tatu, o jabuti, a anta, o tamanduá-bandeira, o jacaré e a cobra, criamos contextos de pesquisa, observando o caminhar, o habitat e as características desses animais.

Fillipa: *O tatu tem garras e se esconde no buraco.*

Gustavo: *A anta parece elefante, tem tromba.*

Cora: *Mas não muito grande. Ela anda igual ao jabuti.*

Vicente: *A cobra rasteja pelo chão. Ela nunca acaba.*

Catarina: *A onça é forte e rápida.*

Julieta e Irene: *Tem dentes e garras afiadas.*

Aprofundamos nossas conversas com os livros *Os olhos do jaguar*, de Yaguarê Yamã, e o conto “O Iauaretê e o Jabuti” do livro *As fabulosas fábulas de Iauaretê*, de Kaká Werá Jecupé. Ambos os contos trazem a personagem onça em sua potência e em sua fragilidade, presentes tanto na mitologia do povo Maraguá como na do povo Tapuia. As crianças debateram sobre essas narrativas e começaram a usar algumas palavras indígenas ao retratar os animais, como *çahu* (tatu).

Fillipa: *O jaguar queria comer o çahu, o çahu era mais esperto e arrancou os olhos do jaguar.*

Nuno: *O jabuti foi mais forte, porque ele conseguiu amarrar a onça e ele saiu e deixou a onça sozinha.*

Catarina: *Eu tô achando que o jabuti foi mais esperto que a onça e o çahu foi mais esperto que o jaguar. Os outros bichos foram mais espertos que a onça. O jabuti inventou uma história de vendaval.*

Salvador: *Ela é má, porque ela queria comer o jabuti.*

Julieta: *Não são más. As onças são amigas de todo mundo.*

Irene: *É que elas têm muita fome!*

Agnes: *O passarinho fez os olhos para o jaguar.*

Eu achei interessante: como uma onça grande acaba de favor? [na narrativa a onça precisou de ajuda] Raul Rigo





PROFESSORAS
Mariana Franco
Samuel Oliveira

AUXILIAR DE GRUPO
Ivani Souza

ATELIERISTA
Luz Marina Espíndola

ORIENTADORA
Lícia Breim

Recontos do imaginário

Para recontar uma história, é preciso se apropriar dela, conhecê-la a fundo, compreendê-la com todo o corpo. Para recontar uma história é preciso senti-la, ouvir muitas vezes, conhecer os detalhes, os cheiros, os sons que compõem cada pedaço da narrativa. Para recontar uma história, é preciso entender como se faz uma história. O que a compõe? Quais são os elementos essenciais? O que não podemos esquecer?

Mergulhamos nos contos do livro *As fabulosas fábulas de Iauaretê*, de Kaká Werá, e as crianças aceitaram o convite para recontar alguns deles, e é esse rico e intenso processo que compartilhamos aqui.

É comum observarmos diariamente as crianças se fantasiando de personagens diversos, interpretando vários papéis, transformando-se em outras identidades, e, assim, abrindo um espaço criativo para a imaginação e transformação de si e dos outros. Foi assim com os bichos e personagens dos contos do *Iauaretê*.

Ao investigarem com profundidade essas histórias, as crianças se relacionaram com diferentes modos de ser e estar no mundo e estabeleceram conexões com suas próprias experiências de vida.



O primeiro contexto, em relação com as histórias ouvidas, foi o da pintura corporal, que convocou as crianças a contarem com o corpo sobre essas novas histórias e brincadeiras. Os bichos apareceram com muita força, e o giz-gel, com sua materialidade fluida, possibilitou a investigação de preencher e cobrir espaços do corpo e do rosto. Assim, logo no primeiro dia, onças, tigres, gatos e corujas passaram a habitar nossa sala.

Enquanto pintavam a si mesmas e umas às outras, pequenas narrativas surgiam, além de um corpo pulsante e vivo que nos contava também, por meio dos gestos e expressões, os pensamentos das crianças sobre os bichos.

Mathias: *A anta parece um porco.*

Helena: *Mas a pata parece do cavalo.*

Flora A.: *Eu sei que ela tem uma nariz grande, mas é menor que a tromba do elefante.*

Betânia: *Parece até um nariz de bruxa.*

Lorenzo: *O nariz da anta é mais comprido do que o tamanduá... Ah, não, o do tamanduá é maior, mas o nariz da anta é maior do que da cutia.*

Morena: *Onças existem de verdade?*

Flora A.: *Meu pai disse que, aqui no Brasil, tem onça.*

Ao longo da investigação, as crianças se debruçaram sobre diferentes linguagens, como desenho, pintura e modelagem, experimentando materialidades, criando traços, cores e formas. Sentindo-se cada vez mais potentes na relação com cada uma delas, puderam escolher qual usariam para expressar cada personagem, cenário ou elemento escolhido a priori. As crianças construíram narrativas, trouxeram elementos das histórias ouvidas e inventaram outras novas histórias.

Eu vou usar só amarelo e preto para fazer a minha onça. Isabel

Quando eu fiz meu lobo-guará, eu achei bom fazer um monte de patas. Naomi

Eu fiz um lobo-guará. Essas são as orelhas. Ele está lá na história. Ele é filhote, e esse é o papai. Lucas

Eu estou fazendo um pássaro e estou começando pela parte feia do pássaro, ele caiu no buraco que tinha um rio. Era uma armadilha. Maria

Assim, desenhamos personagens, pintamos cenários, modelamos elementos cênicos e recontamos com todo o corpo e sensações alguns contos desse livro.



Onça, **Flora P.**



Anta, **Morena**



Iauaretê, **Noah**



Onça, **Betânia**



PROFESSORAS
Simone Aiex
Denise Furquim (Teca)

AUXILIAR DE GRUPO
Simone Nunes

ATELIERISTA
Luz Marina Espindola

ORIENTADORA
Lícia Breim

Iauaretê é uma onça.

Pedro A.

Desde o 1º semestre, em rodas de leitura e apreciação, lemos vários contos do livro *As fabulosas fábulas de Iauaretê*, de Kaká Werá Jecupé, a fim de que as crianças conhecessem a cultura de alguns povos indígenas, acessando afetos, imaginários e fabulações.

Quais seriam as primeiras impressões das crianças sobre os personagens, o autor, a ilustradora e as palavras do vocabulário desses povos?

Curiosas, passaram a fazer perguntas e imaginar os fatos apresentados nas narrativas, relacionando-os com suas vivências e a própria cultura, iniciando uma investigação sobre os indígenas, seus saberes e percepções sobre o mundo.

A cada fábula conhecida, as crianças foram construindo sentido para o que ouviam, ampliando seus olhares para a diversidade. Assim, palavras como pajé, oca, indígenas, pirarucu, jatobá, Tupã, aldeia e samburá se tornaram mais presentes em nosso dia a dia.

Professoras: *Como são os indígenas?*

Otto: *Eles têm o rosto pintado. Será que eles estudam na escola deles sobre aquarela também?*

Tom S.: *Será que eles dormem em cama como a gente?*

Gal: *Eu acho que os indígenas são um pouquinho pintados de onça.*

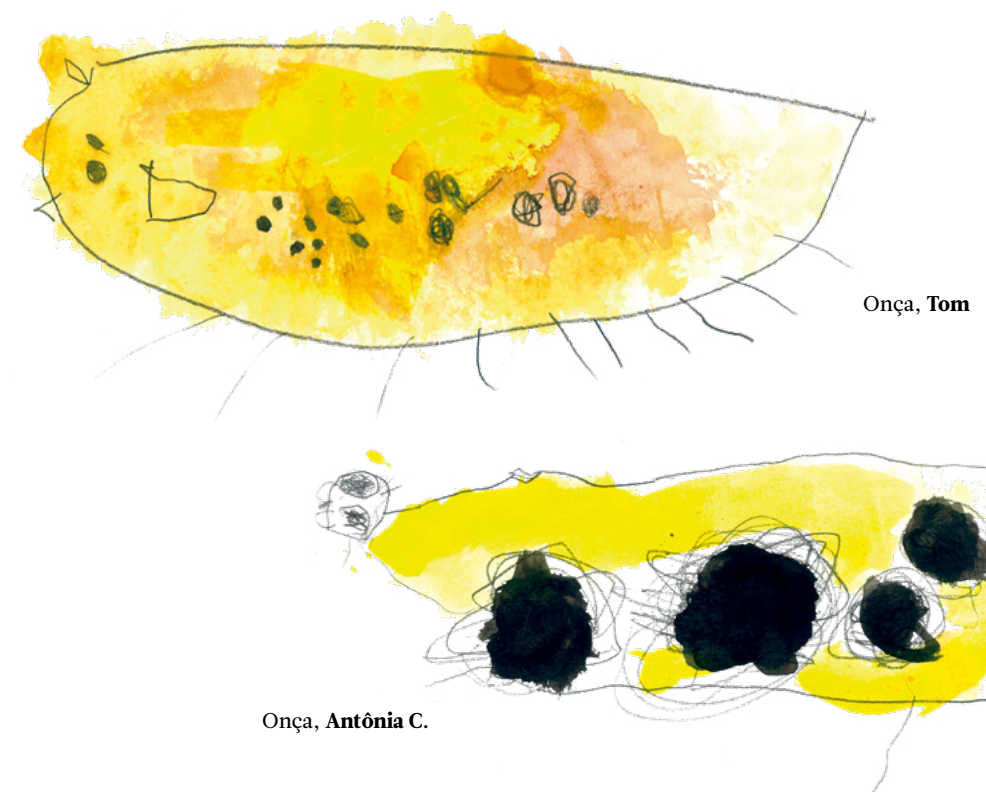
Os indígenas moram na floresta. Gal

E moram na cidade também. Lelê

Eles têm cabanas na floresta. Pepeu

Será que eles cavam buracos para se esconder das onças? Tom S.

Eles comem frutas das árvores. Otto



Pensar sobre as onças, suas fábulas e características, aproximou as crianças da perspectiva do povo Tapuia e de sua relação com os animais.

Ao imaginarem essas narrativas, criaram desenhos e, depois, pintaram com aquarela.

Ficaram curiosas com o personagem Iauaretê, que se transforma em onça. Em ateliês de pintura corporal, elas também se transformaram em onça. Surgiram gestos, sons e expressões corporais como parte dessa transformação.

A onça se transforma em pessoa à noite. Chico

Também fizeram relações e reflexões com suas próprias experiências.

Olivia: *Os indígenas moram atrás das flores! Eu também gosto de flores, gosto de margaridas. A mamãe, quando era pequena, tinha um jardim com a vovó, elas cuidavam das flores e iam crescendo, crescendo...*

Elisa: *Eles gostam de brincar com folhinhas.*

Pedro A.: *As pessoas foram puxando as terras dos indígenas e, aí, foi ficando mais pouco, mais pouco e mais pouco, e, aí, ficou muito pouco indígena.*

Os indígenas sabem que as crianças são muito sabidas. Elena





PROFESSORAS
Vanessa Almeida
Livia Burani (Lilô)

AUXILIAR DE GRUPO
Ivani Souza

ATELIERISTA
Luz Marina Espindola

ORIENTADORA
Lícia Breim

Fazendo uma aldeia. Max *Multiculturalismo e moradias indígenas*

Desde o início do ano, as crianças de nosso grupo mergulharam em longas investigações sobre moradias. Neste semestre, convidados pela história da onça e a anta (do livro *As fabulosas fábulas de Iauaretê*, de Kaká Werá Jecupé) e da onça e o bode (de Stela Barbieri e Fernando Vilela), começamos a problematizar e estudar mais sobre os jeitos de habitar e as culturas dos povos originários.



A relação da literatura com o imaginário contribuiu para enriquecer as produções de nossas crianças nas linguagens do desenho e da modelagem com a argila. Com a argila, pensaram em questões de equilíbrio, volume, sustentação e uso da esteca para abertura de portas e janelas. Na linguagem do desenho, as crianças criaram traçados para fazer as palafitas e formas arredondadas para as casas — elementos marcantes e presentes nas narrativas dessas histórias.



Foi muito difícil fazer as paredes. Quando você sobe, às vezes ela cai para frente. Mas eu fui apertando assim, e elas foram parando. Eu fui colocando várias assim na casa toda. É uma casa dos indígenas. Eu, depois, vou fazer um telhado de palha amarradinha. Precisa de um telhado para não chover dentro. **Joaquim**



Esse é o indígena e esse é o pai dele dentro da casa. Eu fiz o telhado, e ela é de palafita para deixar a casa forte. **Thomas**



A minha era uma cidade com fios e várias casinhas redondas. São redondas porque são como as ocas indígenas. Elas são feitas de palha trançadinha e não têm janelas como a minha casa. **Max**



É uma casa redonda. Tudo redondo! **Felix**



Organizamos momentos importantes de conversas em roda para aprofundarmos esses aspectos da moradia, disparados pelas histórias contadas. Ana nos contou sobre sua experiência com sua família na Amazônia, na aldeia do povo Ticuna, em que pintaram seu rosto com tinta feita de cacau e urucum, as músicas que cantaram para eles e como eram feitas as casas. Uma das coisas que as crianças se encantaram em ouvir foi sobre a grande oca que tinha uma abertura no telhado para a fumaça da fogueira sair. No contexto de construção, Eleonora fez relação com essa experiência ao incluir um telhado com furo e toda uma narrativa com elementos do que aprendemos:

É uma oca que tem em cima um buraquinho. Por ali, pode cair os pingüinhos de chuva, mas embaixo tem areia e não enche



*Eu gosto porque eles fazem muitas coisas redondas. A cidade deles é redonda e, em volta, as casinhas dão para a areia. Todo mundo consegue se ver e se encontrar. [...] Essa é uma casa indígena, e, nessa casa, a onça, o tigre e a cobra moram junto com os indígenas. **Joana***



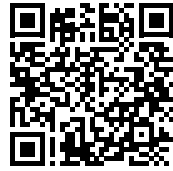
*Essa casa tem várias entradas, as bolinhas dentro delas são as fechaduras. Os indígenas fazem fogueira para esquentar a casa. Essa casa fica no chão, e, na frente dela, tem uma outra casa que flutua para não molhar ela na chuva. **Bernardo***

*de água a casa. Depois, eles fazem a fogueira, e a fumaça sai por ali. Eles podem dormir bem quentinhos lá, todos juntos, e a cama deles é feita de rede de balançar. **Eleonora***

Em outro momento, convidamos Daniela Morita, professora do G4, estudiosa de alguns povos indígenas, para contar para as crianças sobre as culturas dos Guarani, Ticuna, Yanomami e Kamayurá. Ela compartilhou alguns saberes sobre as moradias desses povos e a relação deles com a natureza: as folhas adequadas para fazer os telhados, o local da construção na relação com o sol e a terra e o barro para a construção das paredes.

A exposição

Vídeo “Eu virei onça”



veracruz.ink/4kGoTwR





—

G4

—
—
—
—



Vídeo “Tamikuã”

veracruz.ink/4eP2ix2

Sonhar a floresta

Existem diferentes formas de conhecermos e nos relacionarmos com a natureza, de entender que não há dicotomia entre humanidade e **natureza**. Os problemas ambientais contemporâneos têm nos conduzido a buscarmos alternativas, outra relação com a natureza, mais cuidadosa e sistêmica. A contribuição dos **povos originários** e da **ecologia** possibilitou questionamentos éticos sobre essas relações e tem nos apoiado nessa perspectiva, de maior integração.

O que mantém a floresta viva?

No G4, diferentes formas de olhar para a nossa **relação com a natureza** dispararam investigações singulares que se entrelaçaram. Apresentamos para as crianças **diferentes culturas**, principalmente a cosmovisão e valores de alguns povos originários, como a perspectiva sobre as árvores de quem vive na floresta, do povo Ticuna; a história da mandioca, do povo Tupi-Guarani; e o conceito de “sonhar a floresta”, do povo Yanomami, que sustentaram nosso olhar educador.

Aprendemos sobre as redes de relações da vida. **Coexistir** significa que dependo do outro para me manter vivo, e todas as espécies vivas necessitam do outro para viver: a mandioca, um alimento temperado com memórias, tradições e cultura; a floresta que, nas palavras de Davi Kopenawa, sustenta o céu para que não caia sobre nós; e o reflorestar, uma ação urgente de sobrevivência do planeta. Brincar de reflorestar é uma necessidade para as futuras gerações.

Nesses processos de investigação, as crianças experimentaram muitas **linguagens e materiais**. Escolhemos, nesta exposição, evidenciar a relação das crianças com a **argila**, material universal e local, parte da **cultura** de muitos **povos**. O barro é um material que apresenta inúmeras possibilidades, ele pode se transformar em pó, tinta, riscador, massa para modelar etc.

Apreciar ceramistas, mestres populares, indígenas e escultores na lida com esse material, **colocar a mão na massa** em argilas diferentes, quase cotidianamente, e persistir e sustentar a experiência no tempo foi um caminho escolhido para que as crianças pudessem aprofundar as problemáticas encontradas em seus pensamentos sobre a floresta.

O material transforma a mão e se transforma com a mão num jogo em que as crianças formulam novas perguntas e teorias sobre a **investigação**. Modelar a **massa** e o **pensamento**, torná-los plásticos.

“[...] a gente está brincando de reflorestar” jacutingas, bem-te-vis, sabiás, canários, rolinhas, araucárias, paus-brasis, ipês, onças, jaguatiricas, antas, bichos-preguiças, capivaras, mandiocas, macaxeiras, aipins, mandiocas-mansas, manivas, maniveiras etc.

Convidamos vocês a celebrarem o imaginário das crianças e esperamos que essa grande floresta “ajude o céu a não cair”, como diz Davi Kopenawa.



PROFESSORES
Fernanda Vignola
Daniela Morita Nobre

AUXILIAR DE GRUPO
Aninha Moreira

ATELIERISTA
Dani Dini

ORIENTADORA
Sílvia Macul

Coexistências na natureza

Como a floresta é cultivada? Como a vida da floresta é produzida em uma rede de colaboração? Como as crianças se sentem parte desse processo de produção da vida?

Quando as crianças investigam **coexistências na natureza**, passam a entendê-la como um **sistema integrado**, relacionam vidas. Uma árvore se transforma em um mundo de investigação: os pássaros se alimentam dela, suas raízes se comunicam e se ajudam enviando nutrientes ou mensagens de perigo, os bichos buscam abrigo nela, uma cutia enterra as sementes e novas árvores nascem.



A natureza é uma rede de **interdependência**, e, na diversidade, cada ser expressa sua originalidade. Os valores dos povos indígenas como princípios de vida nortearam o nosso trabalho. E, nessa perspectiva, todos os seres cultivam floresta.

As crianças viveram relações entre as linguagens do desenho e digital e foram convidadas a comporem juntas, e em colaboração, as redes de relações de uma floresta imaginada.

O passarinho estava voando e fez cocô. Do cocô, nasceu uma árvore. Ele ficou muito feliz e comeu a frutinha dela. **Marina**

As abelhas pegam pólen das flores e, quando vão a outras flores, colocam o pólen ali. É assim que nascem as frutas! As flores cuidam das abelhas, e as abelhas cuidam das flores e de todo mundo: elas sabem também fazer mel para a gente sarar. **Caio**



Vivemos atualmente muitos desafios, como as queimadas dos diferentes biomas

A floresta queimou, e agora?

As crianças foram desafiadas a reflorestar tendo o barro como matéria, modelando essa rede de coexistências.

A floresta queimou e os bichos fugiram. Os indígenas plantaram uma nova floresta. As árvores cresceram; elas fazem bem para a natureza! Quando uma árvore está fraquinha, a outra dá força para ela ficar forte. Os bichos voltaram para a nova floresta! **Pedro**

*Eu imaginei como são as raízes dessas árvores. Lá, na terra, há muitas sementinhas. Essas raízes vão crescendo para fazer nascer outras plantas. Quando uma árvore está fraquinha, as outras mandam pelas raízes alimento para ela ficar forte. **Tarsilla***

*Eu, meu pai, minha mãe e minha irmã vamos plantar girassóis para a floresta nascer de novo. As flores giram, giram e sabem fazer nascer sementes. As sementes caem, e nascem mais flores, elas crescem e fazem mais sementes. As borboletas e as abelhas, quando encontrarem tantos girassóis amarelos, vão ficar tão felizes que vão voar dançando. **Emma***

*A gente também trabalha em equipe com as plantas: quando eu como uma fruta, eu fico forte e planto a semente. **Caio***

*Os animais estão ajudando a floresta a nascer de novo agorinha! Estão fazendo as árvores crescerem e construindo casas para morarem! **Antonio***

*Essa semente fez nascer uma árvore. Embaixo da terra nasceram as raízes com corações. Os corações são comidas para os passarinhos. Eles sobem dentro da árvore e aparecem lá no alto para os passarinhos se alimentarem! **Catarina***

*Os pássaros plantam árvores com frutas para todos comerem! Fazem também ar com as asas — eu consigo sentir quando estou ao ar livre! **Leo***



Quando nos aproximamos dos mundos indígenas e de suas sabedorias, compreendemos que fazemos parte dessa rede de vida que regenera e transforma. As crianças viveram tudo isso com **autoria**, fazendo **relações com as suas vidas**.

Sabedorias da floresta

“As florestas são nossos professores, nossos mestres, nossa biblioteca com muitos saberes. Quando Nhanduru Tenondé criou o mundo, criou cada ser com forças e sabedorias para cuidar da vida. Muitas vezes andamos pela floresta e não conseguimos ver e escutar essas sabedorias; precisamos abrir nosso coração para aprender”.

Tímóteo Verá Tupã Popygua, do povo Guarani-mbya

Mergulhadas nessa grande rede de vida que interliga tudo e todos, a floresta passa também a instigar novos olhares para o lugar onde habitam:

*Aqui é floresta, tudo é floresta! A vida da árvore é a nossa vida. **Lia***



PROFESSORAS
Karina Crespo
Flávia Marcomini

AUXILIAR DE GRUPO
Deise Bernardo

ATELIERISTA
Dani Dini

ORIENTADORA
Sílvia Macul

Mandioca

Mãdi'og, mandi ó ou mani oca

A mandioca fala da cozinha, da roça, do quintal, da floresta; de comida para o corpo; alimento ancestral e originário. O mito da mandioca, sob a perspectiva do povo Tupi-Guarani, nos proporcionou uma compreensão mais profunda sobre a **ética do cuidado**. Nessa perspectiva, cuidamos da planta porque ela nos cuida, nos alimenta.

O mesmo cuidado se dá com a transmissão de conhecimentos ancestrais para as futuras gerações, como o roçado, o plantio, a



colheita, o não desperdício, a transformação e o preparo dos alimentos.

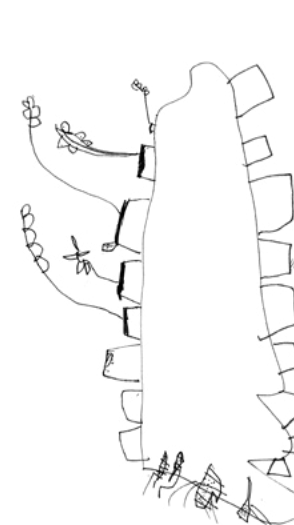
Dessa forma, a mandioca, como outras plantas, possui corpo, alma, vontades e histórias, que demandam cuidados e respeito. Foi assim, brincando de ser mandioca, que crianças e a mandioca se fundiram: o sujeito que pesquisa se torna um só com o sujeito pesquisado.

Já pensou ter outra existência?

Ser uma mandioca?

*É legal ficar embaixo da terra porque a gente come muita coisa e bebe água a toda hora. **Martina***

*Embaixo da terra é tipo um esconderijo. **Joaquim***



O que a mandioca nos diz?

O que se aprende ao olhar para ela?

*A mandioca é meio espinhada. **Maria***

*Os indígenas regam as plantas. **Maria***

*A terra chupa a água para o tronco. **Fernando***

*A mandioca vem com a casca para proteger. **Noah***

As observações diárias da planta viva, de imagens fotográficas e dos detalhes ampliados desafiaram as crianças a colocar no papel tudo que perceberam: o seu caule delgado, ramificado, dotado de nós, suas folhas palmadas com lóbulos, de cor verde, e suas raízes tuberosas.

Os traços finos do desenho expressam especialmente os detalhes, enquanto a tinta destaca volume, cor e textura. As cores da natureza, extraídas dos pigmentos de plantas e terras de argilas, aproximaram ainda mais as crianças da mandioca, pela sua coloração terrosa.

Inspiradas pelos livros de botânica, as crianças se aventuraram a nomear as partes da planta e compor junto com o desenho.

Quais comidas são feitas de mandioca?

Maniçoba, tacacá, beiju, tucupi, pirão, xibé etc. são comidas feitas de mandioca que envolvem conhecimentos ancestrais e que guiam o fazer culinário dos povos indígenas e de muitos de nós até os dias de hoje.

Foi assim que as crianças aprenderam a ralar a mandioca, secar a massa com a ajuda engenhosa do tipiti, ver a goma da tapioca se decantar, achatá-la no fundo da panela para formar o beiju.

Preparar a mandioca, comer junto e compartilhar esses momentos na escola fortaleceu os vínculos entre as crianças — experiência comumente vivida pelos povos indígenas.

E se os indígenas não existissem? Joaquim

Hoje, a Vila Ipojuca virou uma casa de farinha! Artur





PROFESSORAS
Mariana Isnard
Tânia Schandert

AUXILIAR DE GRUPO
Deise da Fonseca Bernardo

ATELIERISTA
Dani Dini

ORIENTADORA
Sílvia Macul

Bichos que florestam

Os pássaros não podem comer a nossa jabuticaba! Isabel

A gente pode falar com os passarinhos que eles só podem comer uma jabuticabeira e a gente, as outras. Elena

Eles comem e nasce mais. Demora, mas nasce mais. Santiago

As crianças criam hipóteses sobre aquilo que elas veem, conhecem e vivem da natureza na cidade. No início, compartilharam uma visão de que as pessoas estão no centro do sistema: as árvores estão aqui para nos servirem e apenas existem porque um ser humano as plantou; os bichos até podem “usufruir” dos benefícios das árvores, desde que não atrapalhem o que são das pessoas.



Donatella: O moço pega a sementinha da flor e coloca em um saquinho.

João Beserra: A semente vem do mercado. Alguém faz, com uma máquina.

Helena: Lá no meio da floresta, tem os indígenas, eles plantam as árvores.

Professora: E se não tiver nenhuma pessoa?

Várias crianças: Aí, não nasce.

Ao investigarmos a **ideia sistêmica**, problematizamos com as crianças a **rede de interdependência da vida**, principalmente a relação entre animais e a floresta.

Quais bichos ajudam a floresta a ficar viva?

Se tiver uma jabuticaba, o passarinho come. Aí, vai para a barriga dele, faz cocô e nasce a jabuticabeira. **João Beserra**

O meu pai contou que ele come a jabuticaba e não cospe a semente. **Ivan**

Se o passarinho comer várias jabuticabas e fizer vários cocôs, vão nascer várias jabuticabeiras. **Esther**

Em cada lugar do mundo. **Elena**

O bicho também pode ajudar. Comendo a semente e fazendo cocô, mas só vai nascer se alguém regar o cocô. **Theo**

E se a gente não sabe que ele fez cocô em um lugar para regar? **Isabel**

E se ele não conseguir esperar muito para fazer cocô porque não tem nenhuma pessoa perto para regar e mastigar a semente, não vai nascer. **Dante**

Quando cai chuva. A chuva é molhada. **Manuel**

E se for verão? E se ficar uns dias sem chover, será que nasce? **Isabel**

Na especificidade da argila, o trabalho das mãos e do modelar constrói novas perguntas e teorias sobre a investigação. O trabalho da mão provoca o trabalho da mente e vice-versa. Ao mesmo tempo que faziam os bichos de argila, pensavam na relação deles com o sistema. Quando modelavam o animal, as crianças pensavam em suas características, seu tamanho, sua sustentação (patas muito finas não aguentam o peso do corpo), suas especificidades na relação com o ambiente (o macaco que precisa da árvore para se abrigar, brincar, comer e plantar).

Propomos às crianças um mural coletivo, a “nossa floresta”, uma composição com o desafio de inter-relacionar as espécies combinando os bichos feitos em argila com o desenho.

O tatu-galinha fica na toca e, quando sai, ele pega uma semente e enterra ela. **Theo**

O pica-pau pica a árvore, e caem as sementes no chão, sementes coloridas. Aí, nascem muitas árvores coloridas. **Donatella**

Os bichos ajudam fazendo cocô. **Serena**

E carregando a semente. **Lucas**

Tentando comer e caindo. **Elena**

Às vezes, escondendo e esquecendo. **Mia**





PROFESSORES
André Tato Gimenes
Sofia Fontana Alves

AUXILIAR DE GRUPO
Aninha Moreira

ATELIERISTA
Dani Dini

ORIENTADORA
Silvia Macul

Re-floresta

*É uma floresta que está
revivendo. Erick*

“As árvores levantaram a atmosfera e assim
o céu não desaba sobre nós.”

Ailton Krenak

Propomos para as crianças refletir sobre a floresta. A aquarela, tinta diluída em água, materializou o fogo que queima a floresta. A argila, barro das margens do rio, deu alicerce à construção de uma re-floresta.

Helena: A floresta é delicada. Nós fizemos duas, uma de argila e outra de aquarela para ver a diferença.

Erick: A de aquarela está morrendo com o fogo.

Maya C.: E a de argila está vivendo, renascendo.

Alice: A gente está brincando de reflorestar, brincando que é de verdade.

Ao se relacionarem com essas linguagens, as crianças puderam conectar seus saberes, dando forma e materialidade aos pensamentos e aprofundando reflexões sobre o tema.

Sabe como apagar o fogo? Chorando! Ou então, lambe o dedo e faz assim, ó, aperta o fogo. Joca

Lá no Pantanal, estava meio queimado, morreu, mas vai renascer. Tem que replantar. Mesmo se não tiver água, já nasce, recupera. Lino

Otto: Eu reparei que as nuvens estão beges.

Maya C.: Não é nuvem.

Bê: É fumaça do fogo.

O fogo vira um bicho que deixa o galho da árvore preto. Ela morre, mas cresce de novo. Alice

A árvore queimada cai no chão e vira alimento para renascer.

Maya C.



O fogo é um elemento devastador, mas, na visão das crianças, também nutre a terra para o renascimento. Para elas, a resiliência da floresta é uma condição intrínseca; ideia que buscamos incentivar ao pensarmos sobre esse tema, fazendo articulações entre a realidade que temos vivido e os valores e conhecimentos que possam transformá-la.

Com a aquarela, as crianças buscaram tons de vermelho, laranja e amarelo, misturaram as tintas e experimentaram formas e sobreposições para representar o fogo. Já com a argila, experimentaram a modelagem e a fixação, equilibrando os materiais para compor as árvores e florestas.

Professor: Vamos fazer uma floresta de argila?

Alice: Cada um faz um pedaço de floresta, e, juntando, vira uma floresta bem grande.

Lucas: Eu vou fazer floresta todo dia, assim, nossa sala vai virar inteira de floresta.



A Nanã é dos orixás. Ela mora no barro, é a rainha do barro, e emprestou o barro pra fazer uma pessoa. Maya V.

Ela é tudo que morre e tudo que nasce. Erick

Eu faço argila com a terra que tem no rasilho, perto da represa. Minha avó que me ensinou: pega a terra de lá, tira a água dela, deixa no sol, depois molha de novo e pode fazer o que quiser. Lucas

Eu vou colocando a argila e apertando com o dedo. Faço isso com delicadeza, com força e delicadeza. Alice

Uma sabedoria Quéchua conta que, diante de um incêndio na floresta, um beija-flor voava até um lago para pegar água e jogar sobre o fogo a fim de apagá-lo. De gotinha em gotinha, sua determinação provocou uma brecha de possibilidade e inspirou outros a fazerem o mesmo. Cada árvore é uma gotinha no bico do beija-flor e, de gotinha em gotinha, fazemos uma **re-floresta**.



A exposição





EDUCA-
ÇÃO **C**OR-
PORAL

Vídeo “Danças dos Brasis”



veracruz.ink/453xRzG

Danças dos Brasis

Multiculturalismo no ciclo junino

O ciclo junino, marco festivo da Escola Vera Cruz, apresenta a cultura popular tradicional brasileira em seu repertório multicultural, envolvendo manifestações dos povos originários, de matrizes africanas e das culturas europeias. Com o encontro dessas culturas, temos a riqueza das Danças dos Brasis.

A intenção é que as crianças experimentem o imaginário lúdico e simbólico presente nas danças brasileiras e suas representações poéticas. Elas têm origem nas cantorias de trabalho realizado no campo com a flora e a fauna, nos momentos de lazer e festejos que são sempre enriquecidos com dança!

O multiculturalismo, especificamente no ciclo junino, relaciona-se com o repertório pesquisado e adaptado, em uma releitura para o brincar das crianças com o corpo e o movimento expressivo, envolvendo toda a comunidade. Isso se dá em um processo de pesquisa, criação e composição junto com as crianças e professores. Cada repertório construído e costurado desemboca no resultado que é apreciado no dia da nossa celebração, nossa Festa Junina.

Neste trabalho, contextualizamos e localizamos as danças presentes no repertório de ritmos tradicionais e sua paisagem brincante e festiva. Convidamos vocês a apreciarem as Danças dos Brasis.

Professoras Elizabeth Menezes e Priscila Basile



EXPOSIÇÃO-ATELIÊ 2024
MUNDOS POSSÍVEIS
G1 AO G4



Educação Infantil – G1 a G4

DIREÇÃO GERAL
Heitor Fecarotta

DIREÇÃO DE GESTÃO
Marcelo Chulam

DIREÇÃO PEDAGÓGICA
Regina Scarpa

COORDENAÇÃO
Fabiana Meirelles

ORIENTAÇÃO
Lícia Breim
Luciana Cabral
Sílvia Macul



EDIÇÃO
Claudia Cavalcanti

REVISÃO
Iara Arakaki

PROJETO GRÁFICO
Juliana Lopes

IMAGENS
Acervo Escola Vera Cruz

VÍDEO (P. 28)
Miguel Lopes, Rodrigo Lerner,
Pedro Klinke e Pedro Rigobelo

São Paulo, setembro de 2025

- EQUIPE
- Aldenise de Menezes Rocha
 - Ana Monteiro Yoneya
 - Ana Paula Carrascosa
 - Ana Paula Rigo Penteriche Paz
 - André Tato Gimenes
 - Andréa Jota
 - Ani Maruchi
 - Aninha Moreira
 - Carol Arvélos
 - Célio Gomes
 - Clara Stella Alves
 - Cristiane Santos
 - Dani Dini
 - Dani Morita Nobre
 - Danielle Silva
 - Deise Bernardo
 - Denise dos Reis Furquim (Teca)
 - Edu Freitas
 - Elizabeth Menezes (Bethinha)
 - Fernanda Vignola
 - Flávia M. A. Marcomini
 - Ivani Sousa
 - Ivete Fortunato
 - Joelma da Fonseca
 - Juliana Guimarães
 - Karina Freitas Pereira
 - Karina Crespo
 - Keyla Ferreira Soares
 - Larissa Neves
 - Leticia Oliveira Mello
 - Lívia Burani (Lilô)
 - Marcia Gowdak
 - Márcia Triviño Moisés
 - Maria Sena
 - Maria Simone Nunes
 - Mariah Pissarra
 - Mariana Franco
 - Mariana Isnard Carneiro
 - Nataniel Santos
 - Nathália Puccinelli
 - Nina Craveiro
 - Patrícia R. Martins
 - Priscila Basile
 - Rivânia Nascimento
 - Rosa Gonçalves
 - Rosilene Silva
 - Samuel Oliveira
 - Silene R. de Souza
 - Simone Aiex
 - Sofia Alves
 - Tânia Schandert
 - Tatiana B. Vieira
 - Valdenice Pereira
 - Vanessa Almeida
 - Vanilson Souza
 - Victória Cordeiro



VERACRUZ

